

Falta de saneamento deixa o País doente

Rio — O reaparecimento de doenças tidas como erradicadas — como a cólera e a malária — serviu para tornar mais visível o fracasso do sistema de saneamento básico no Brasil, com índices de atendimento à população só comparáveis aos países mais pobres do Terceiro Mundo. A ausência de saneamento leva o País a gastar bilhões de dólares por ano para tentar conter moléstias que seriam facilmente evitadas com a simples oferta de água potável e esgotos.

No ano passado, o setor públi-

co gastou cerca de US\$ 11 bilhões para tentar curar o imenso contingente de doentes que existe no País. Foram mais de 560 milhões de consultas em hospitais e postos de saúde mantidos pelos Governos federal, estadual ou municipal, que resultaram em 13,6 milhões de internações. Em 80% das consultas e 65% das internações a causa fundamental do gigantesco pronto-socorro em que se transformou o Brasil é uma só: a falta de saneamento básico. A estimativa é de que a cada ano o Governo gaste US\$

2,5 bilhões para tratar de moléstias diretamente provocadas pelas péssimas condições em que vive a maior parte da população brasileira.

A síntese da miséria — da qual a fome é apenas um componente — pode ser observada em um levantamento realizado pela Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes): são 92% dos municípios brasileiros sem tratamento de esgotos; 59% sem destino final para o lixo; e 58% sem água tratada. Na Região Norte, onde as

diarréias ocupam o primeiro lugar na relação de doenças com maior índice de mortalidade, apenas 2,24% da população são cobertas pela rede de esgoto. No Amazonas, somente a capital, Manaus, possui o sistema, mesmo assim sem tratamento adequado.

No Nordeste, onde o Ministério da Saúde aponta as doenças infecciosas e parasitárias como a segunda maior causa de mortes na região, o esgoto é recolhido de apenas 7 em cada 100 habitantes.